

## “ENCONTROS E DESENCONTROS”: CORPOS ABJETOS EM TRÊS CONTOS DE RUBEM FONSECA

Franciele Pereira  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

Regina Coeli Machado e Silva  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

229

**Resumo:** O enaltecimento do corpo humano e o cultivo do que é considerado boa aparência são temas presentes nas relações sociais recentes, além de ser objeto de atenção de diferentes abordagens. Por meio dos estudos acerca do biopoder, Foucault (2007) mostrou que os processos sociais e políticos têm grande responsabilidade no agenciamento do corpo enquanto meio de produção, manutenção e transformação da aparência pessoal. Com o advento das tecnologias, o domínio da materialidade corpórea entra em cena com as novas práticas bio-ascéticas e a busca do *fitness* juntamente com os rituais de beleza ancorados pelas ideias de pureza e limpeza corporais. Nesse sentido, este trabalho objetiva problematizar o corpo em seu domínio de controle dentro do plano literário. Para tanto, três contos de Rubem Fonseca foram selecionados para leitura e análise — “Encontros e desencontros”, “O estuprador” e “Beijinhos no rosto”. As narrativas dialogam exatamente com as ideias da plasticidade e do controle sobre o corpo, pois as personagens ao se sentirem incomodadas com sua aparência são caricaturizadas frente a esse comportamento. Elemento de constante reflexão e cuidado, constituinte de um modo de ser constantemente aperfeiçoado e transformado, o corpo narrado nos contos é, ao contrário do ideal preconizado pelos engendramentos do biopoder, incontrolável, doente e limitado.

**Palavras-chave:** Rubem Fonseca; biopoder; abjeção; secreções

**Abstract:** The enhancement of the human body and the appreciation of what is considered to be good appearance are themes present in recent social relations, besides being object of attention of different approaches. Through the studies on biopower, Foucault (2007) showed that social and political processes have a great responsibility in the agency of the body as a means of production, maintenance and transformation of personal appearance. With the advent of technologies, the mastery of corporeal materiality comes into with new bio-ascetic practices and the pursuit of fitness along with beauty rituals anchored by the ideas of bodily purity and cleanliness. In this sense, this work aims to problematize the body in its domain of control on the literary plane. For that, three short stories by Rubem Fonseca were selected for reading and analysis - "Encontros e Desencontros", "O esuprador" and "Beijinhos no rosto". The narratives are exactly about the ideas of plasticity and control over the body and the characters are caricatured when they feel



uncomfortable with their appearance. An element of constant reflection and care, constituting a way of being constantly perfected and transformed, the body narrated in the tales is, unlike the ideal advocated by the engenderings of biopower, uncontrollable, sick and limited.

**Key words:** Rubem Fonseca; biopower; abjection; secretions

230

## Introdução

O enaltecimento do corpo humano e o cultivo do que é considerado boa aparência são temas presentes nas relações sociais recentes e são objeto de atenção de diferentes abordagens antropológicas. Marcel Mauss, em 1934, abordou o corpo como “o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem” (2003, p. 407). Para ele, as técnicas corporais (técnicas do corpo) em sua materialidade são modos de agir de uma realidade social, cultural e material que o circunscreve em termos de necessidades ou potencialidades ao mesmo tempo físicas, simbólicas e morais. As novas práticas bio-ascéticas dos regimes alimentares, das cirurgias plásticas e dos exercícios físicos se expandem velozmente na procura do *fitness*. Como técnicas corporais, essas práticas, que fazem parte do cotidiano das pessoas do século XXI, estão se tornando verdadeira obsessão e são parte da busca de concretização de um sonho cada vez mais próximo do inatingível: o de “dominar essa carnalidade inefável e incômoda, sempre imperfeita, flácida, gordurosa, fatalmente submetida à dinâmica abjeta das secreções e da decomposição orgânica”. (SIBÍLIA, 2004, p. 69).

O agenciamento corpo enquanto meio de produção, manutenção e transformação da aparência pessoal não é isolado dos processos sociais e políticos de poder, do controle e da docilidade, como também mostrou Foucault (2007).

Os contos analisados neste artigo dialogam exatamente com as idéias da plasticidade e do controle sobre o corpo, pois as personagens se sentem incomodadas com sua aparência e são caricaturizadas frente a esse comportamento. Os contos selecionados para análise foram retirados do livro *Secreções, Excreções e Desatinos e Axilas e outras histórias indecorosas*. Como o



próprio título ilustra, a coletânea de 14 contos reunidos na primeira obra traz em seu enredo o entorno das secreções e excreções que fazem parte sistema biológico do corpo. Fezes, saliva, urina, menstruação, espermatozoides, cera de ouvido, tumor, odores e sabores emitidos pelo corpo estão presentes na narrativa. Misturando o erudito e o chulo, o autor inclui as suas histórias escatológicas não só referências literárias e artísticas como também referências trazidas do campo da biotecnologia e da estética corporal.

O feio, o grotesco, o abjeto e o impuro são características do universo temático destas obras e abordam o corpo como efeito e alvo do poder por meio de estratégias massificantes. É quase como se os contos não abordassem as personagens em si, mas alguma parte de seu corpo, purulenta e abjeta que, ao ser exposta, revela a condição real de suas personagens. Nesse sentido, as narrativas são construídas com os temas próprios à condição humana e corporal, tais como nascimento, doença e morte; o contraponto implícito das narrativas é o biopoder, caracterizado por intervenções para obter saúde e bem-estar aos indivíduos através de mecanismos reguladores da própria vida.

É importante mencionar que as abordagens analíticas de Antonio Candido sobre a relação entre literatura e sociedade orientam a busca de compreensão que o tema do corpo adquire nos últimos contos de Rubem Fonseca. Mencionamos a reflexão de Candido (2006) como pilar para as análises onde “somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar” (p.14), uma vez que os significados simbólicos do corpo “fornecem a matéria” e servem de veículo para conduzir a “corrente criadora” e constituir a narrativa como literatura. Se o corpo é objeto de um controle social e biopolítico, nos contos de Rubem Fonseca ele adquire significados opostos por meio de relações que o expõem como em termos abjetos e informes. As imperfeições que não condizem ao ideal de beleza de um corpo magro e jovem se tornam, na narrativa fonsequiana, foco e alvo das experiências de narradores e personagens estabelecendo um diálogo com o controle biomédico do corpo feito pela sociedade disciplinar na qual as estratégias e



mecanismos do biopoder tem como objeto de intervenção corpos individualizados da população (Foucault, 1985, 2007, 2010).

### Formas de controle do corpo social

O corpo pode parecer natural para as ciências biomédicas e da vida, mas como lembrou Mauss, ele tem uma dimensão social e cultural como realidade socio-historicamente localizada e construída. Em cada contexto, ritos como os dos cuidados corporais, de aprendizagem dos vários usos do corpo, em termos de gêneros e de idade, o colocam socialmente em cena, com suas convenções e disciplinas, discursos e utopias que o densificam simbolicamente. Hoje, ele emergiu como «objeto de culto». O corpo tem sido um importante campo de construção das relações interpessoais e, portanto, de dominação e controle dos indivíduos e de coletividades. Como mostra Foucault em *História da sexualidade: a vontade de saber* (1985), *Vigiar e Punir* (2007) e *Microfísica do poder* (2010) é a partir dos séculos XIX e XX que o controle social volta seu foco para a materialidade corpórea em massa, e não mais age nos corpos individualizados, como ocorreu nos séculos XVII e XVIII. Esta forma de dominação e controle do território do corpo marca o início de uma nova forma de agenciamento da vida: o biopoder. Nesse sentido, os corpos são controlados enquanto territórios de apropriação (pelo consumo e *status*) e dominação (controle, disciplina e coerção), impostos, muitas vezes, pelo ordenamento do Estado em relação aos indivíduos, em um constante embate das relações de poder tecidas entre corpos sociais. Desses estudos surge o conceito de biopoder, pautado na disciplina dos corpos e nos controles de regulação (FOUCAULT, 2007). Termo formulado pelo próprio filósofo, o biopoder diz respeito à relação de poder que se exerce com vistas à regulação dos corpos, daí sua denominação – *bio*: vida. É, portanto, o exercício de poder sobre a vida, e está atrelado às técnicas desenvolvidas ao longo do tempo para dominar os indivíduos, adequando-os aos critérios do sistema vigente.





Por meio da sociedade de segurança e do controle, a ação do poder sobre o corpo atua para a normatização do comportamento, para o adestramento e para a imposição na forma de movimento dos sujeitos. O objetivo é controlar as inúmeras formas criadas e instituídas para a administração dos corpos. A produção do poder, nesse sentido, torna-se a verdadeira base para a manutenção dos comportamentos.

A disciplina dos corpos produz indivíduos pautados no poder exercido pelas práticas discursivo-midiáticas. Trata-se, portanto, de uma técnica que faz dos indivíduos objetos, e, ao mesmo tempo, instrumentos de seu exercício. Assim, envolve-os como elementos participantes do processo, que é gerador de novos saberes. O corpo, enquanto alvo do poder, deve ser entendido não apenas como corpo biológico, mas também como corpo social por ser construído simbolicamente de importância política pelo controle da mortalidade, natalidade, alimentação, moradia, entre outros.

Como manifestação de poder, a imagem do corpo também alcançou *status* de bem de consumo. Há um verdadeiro bombardeio midiático que propaga a indústria da beleza ideal, assim como questões correlacionadas, tais como sexo, moda, etc. O consumo dessas “mercadorias” nada mais é do que uma tentativa de autoafirmação social. Torna-se parte integrante da própria identidade do indivíduo, que se realiza ao sentir-se parte de um determinado grupo ou nível social (HARVEY, 1992).

É nesse sentido que as relações de poder interagem nos corpos, moldando-os às suas limitações. “Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.” (FOUCAULT, 2007, p. 126). O exercício do poder sobre os corpos os torna dóceis. Assim, a docilidade é a característica do corpo pela submissão aos micropoderes com os quais interage. É essa plasticidade do corpo, essa possibilidade de moldá-lo aos discursos dos micropoderes que leva a um dos fundamentos do pensamento foucaultiano, essencial à sua estruturação: o eixo “disciplina dos corpos *versus* controles reguladores”. Esse binômio regula e articula todas as relações de poder presentes na sociedade disciplinar.



O biopoder se estabelece, assim, atuando em uma base dupla: poder disciplinar e poder regulador, exercendo domínio sobre os corpos através de discursos dos micropoderes, os quais podem ser entendidos como o exercício do poder de forma difusa presente em toda a sociedade. Para Foucault (1985), o alvo da disciplina é o corpo e sua finalidade é o adestramento, ou seja, a normatização. Essa normatização, instrumento disciplinar, tem sido praticada através de instituições que tradicionalmente estão presentes no cotidiano dos indivíduos, como as escolas, os hospitais, as indústrias e as prisões.

Com o biopoder, o poder disciplinar age no controle dos corpos, visando discipliná-los, adestrá-los – não apenas como indivíduos, senão também em um sentido mais amplo, de corpo social. Neste sentido, o biopoder busca controlar os fenômenos da vida próprios da existência social, como o nascimento, a morte, a longevidade, a saúde, o trabalho e o lazer. Assim, manifesta-se o seu outro aspecto, qual seja o poder regulador, onde a população torna-se adestrada para a subsistência do sistema capitalista.

### O corpo abjeto e ideia de nojo

Em seu livro *Pureza e Perigo*, a antropóloga Mary Douglas (1976) revela como o discurso está organizado aos moldes de sistemas e a não adequação a esse sistema caracteriza-se como uma impureza, uma poluição, um dejetos que precisa ser eliminado. A tentativa de eliminação, nessa perspectiva, não deve ser considerada negativa, mas positiva, pois visa à organização e manutenção da norma. As impurezas, portanto, não existem por si mesmas, uma vez que são subprodutos dessa organização. “Concebemos a impureza como uma espécie de compêndio de elementos repelidos pelos nossos sistemas ordenados.” (DOUGLAS, 1976, p. 30).



[...] é preciso levar em conta outros perigos que os indivíduos emanam consciente ou inconscientemente. Que não fazem parte da sua psique e que não são impostos nem ensinados por iniciação nem por nenhuma outra forma de aprendizagem. Trata-se dos poderes de poluição inerentes à própria estrutura das ideias e que sancionam toda a desobediência simbólica à regra segundo a qual estas coisas devem estar reunidas e aquelas separadas. A poluição é, pois, um tipo de perigo que se manifesta com mais probabilidade onde a estrutura, cósmica ou social, estiver claramente definida. (DOUGLAS, 1976, p. 135).

235

Portanto, o conceito de pureza pode ser formulado como equivalente da ordem. Nesse sentido, o oposto do puro (isto é, o impuro, o sujo, a poluição, enfim, o abjeto) equivale àqueles elementos que desafiam certa ordem. Assim, tornar-se puro é o equivalente à expurgação desses elementos: as impurezas – já que a impureza está associada à desordem. Contudo, a autora ainda chama a atenção para a relatividade da sujeira. “As coisas são puras ou impuras conforme as definições de quem as observa; isto é, de acordo com uma certa cosmologia. A busca da pureza, portanto, implica a criação de uma ordem, a adaptação do mundo a uma ideia.” (SIBILA, 2004, p. 79). No artigo intitulado “O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo”, Paula Sibila retoma a ideia de pureza e sacrifício de Mary Douglas para afirmar que purificar não é uma atividade negativa, de eliminação da sujeira, mas uma atividade positiva, pois caracteriza a busca de um ideal. E cada modelo de pureza tem seu próprio modelo da sujeira que precisa ser eliminada. É claro que o peso moral que a ideia de pureza carrega está associado às inevitáveis conotações de bom e belo.

Do ponto de vista das concepções sobre o corpo, o modelo da pureza seria o corpo belo, eficaz, saudável e jovem; que é igualmente revelador do seu reverso ao redefinir e abominar a ociosidade, a doença, a feiura e a velhice. Os dilemas implicados nessas representações e práticas do corpo, em termos políticos e estéticos, são os temas das narrativas de Rubem Fonseca analisados nesse artigo, sobretudo pelo seu inverso: o indecoroso, o incontrolável e o abjeto.

A biotecnologia se encarrega do processo de criação e aperfeiçoamento do corpo por meio de procedimentos que alteram o ser humano, na tentativa de livrá-lo, cada vez mais, do incômodo indesejável de suas funções biológicas. O biopoder



opera, nesse sentido, como vetor de comportamentos e sensações dos indivíduos no que diz respeito ao sentimento de repúdio do próprio corpo e de suas funções naturais.

Não é somente a sujeira dos hospitais, das prisões, das ruas, dos banheiros públicos que ameaçam os indivíduos. Além dessa, pública e exterior, uma outra, mais íntima, provoca nojo, vergonha e aversão. Como sugere Douglas (1976), essa é a sujeira proveniente dos orifícios do corpo humano. Ao relatar o ritual dos Coorgs, a autora nos conta que eles se viam amedrontados diante das impurezas que poderiam penetrar no seu sistema classificatório. Cuidavam, então, do corpo “como se fosse uma cidade cerrada, cada entrada e saída guardada por espiões e traidores. Qualquer coisa que saía do corpo jamais deveria ser readmitida, mas rigorosamente afastada.” (DOUGLAS, 1976, p. 151). Mary Douglas (1976, p. 58-59) escreve, ainda, que da mesma forma, “para os Havik, qualquer emissão corporal, mesmo sangue ou pus de uma ferida, constituía fonte de impureza. Para manter sua higiene, usavam, depois de defecar, somente água e não papel para se limpar, servindo-se sempre da mão esquerda enquanto a direita destinava-se ao alimento”.

Com suas margens e orifícios, o corpo constitui um complexo de simbolismo de onde vem uma matéria que é essencialmente marginal e excluída: “saliva, sangue, leite, urina, fezes ou lágrimas, atravessam pela simples saída física, o limite do corpo. Assim também as coberturas do corpo, a pele, a unha, as mechas do cabelo e suor”. (DOUGLAS, 1976, p. 149). No entanto, a sujeira, assim como os aspectos do corpo, é vista de maneira distinta pelos diferentes povos e culturas. Em algumas culturas, o excremento é algo hostil e perigoso, enquanto em outras é somente uma brincadeira. Mas, frequentemente, as secreções do corpo humano e os odores exalados por elas são entendidos como fonte de poluição e perigo, ameaçando as estruturas de ordem e pureza.

Desde que a sociedade ocidental começou a prefigurar um sistema civilizado, os excrementos e secreções passaram a ser vinculados ao que é desagradável ou depreciativo. Indesejável, a sujeira passa, então, a ameaçar a ordem.





O corpo idealizado é aquele perfeito, livre de tudo o que não condiz com os ideais de limpeza. Assim, as secreções comuns do corpo humano são abominadas por serem sujas, por terem odor e aparência indesejável que causa transtorno. A transpiração, por exemplo, tem cheiro e faz lembrar que o corpo é orgânico, com suas características inerentes ao organismo vivo que é. Hoje, se cultua o liso, o polido, o fresco, o esbelto, o jovem como sinônimo de perfeição e de bem-estar consigo mesmo. E há uma forte obsessão por esconder ou tentar mudar tudo o que pareça frouxo, sujo, enrugado, franzido ou amolecido. Nesse sentido, as necessidades que o organismo tem em expelir secreções como urina, pus, suor, sangue são renegadas de maneira que a tentativa é camuflá-las. Isso porque o nojo – historicamente construído – torna-se imperativo de abnegação dessas secreções. Ademais, o incômodo provocado pela sensação de estar “sujo” leva o indivíduo a experimentar-se em condição carnal e orgânica. Por isso nosso comportamento também tem uma significação simbólica. E é essa significação simbólica da ideia de nojo que vai nortear nosso comportamento com relação as impurezas do nosso próprio corpo. Contudo, nosso sistema simbólico acaba sendo direcionado a partir dos conceitos de limpo, belo e puro propagado por uma indústria da beleza e da perfeição corporal.

São os dilemas implicados nessa construção simbólica que emergem nos contos de Fonseca, de maneira visível e contorcida. O autor não só evidencia as “anomalias” de um corpo abjeto, como também coloca em cena aquilo que escapa aos controles e normas do biopoder. As excreções e secreções provenientes desse corpo abjeto são retratadas como parte integrante de um conjunto que é a materialidade corpórea e que indiferentemente das sensações de nojo e horror que possamos sentir diante dessa condição, e das tentativas de camuflá-la, essa parte que renegamos e escondemos é inseparável do corpo.

**Um corpo de secreções e excreções – análise de “O estuprador”, “Beijinhos no rosto” e “Encontros e desencontros”**



A análise que segue refere-se aos contos “Encontros e desencontros”, “Beijinhos no rosto” e “O estuprador”. As três narrativas trazem como pano de fundo os “horrores” alimentados pelas secreções e excreções corporais. Para melhor compreender o que resulta o sentimento de nojo com esses elementos que são próprios da natureza corporal, recorreremos aos estudos de Douglas acerca da noção de impureza.

Nas culturas primitivas, como expressou Douglas, os resíduos corporais também caracterizavam perigo. Isso porque eram expelidos através de partes marginais do corpo humano. E como tudo o que fica no plano intersticial é motivo de desconfiança e de vulnerabilidade, todas as margens passam a ser consideradas como sinônimo de perigo. Qualquer estrutura de ideias é vulnerável nos seus limites (Douglas, 1976). Por isso, os orifícios do corpo simbolizam os pontos mais vulneráveis, pois são os pontos que unem as partes interiores com o exterior corporal. Logo, a matéria que sai por estes orifícios é, evidentemente, marginal. Cuspe, sangue, leite, urina, fezes, lágrimas, ultrapassam os limites do corpo pelo simples fato de serem expelidos por esses orifícios ou partes marginais. O mesmo acontece com os resíduos corporais como os cabelos cortados e o suor.

No conto “Encontros e desencontros”, “O estuprador” e “Beijinhos no rosto” nos deparamos com essa situação de nojo pelos excrementos que saem do nosso corpo. “Encontros e desencontros”, narrado em primeira pessoa, traz a história de uma moça que marcava e desmarcava seus encontros com o namorado por causa de uma disfunção no seu próprio organismo. Seu amado não sabia o que acontecia com ela: pela manhã era marcado um encontro e na noite do mesmo dia desmarcado repentinamente.

Às vezes, acontecia de me telefonar de manhã bem cedo para dizer que não ia à minha casa como havíamos combinado e depois telefonar à noite e perguntar se podia ir. Ou o contrário, de manhã sim, à noite não. Isso se repetiu várias vezes (FONSECA, 2010, p. 87).

Percebendo que Fernanda escondia algo, o protagonista chega a desconfiar da namorada pensando que ela fosse casada e que a imprevisibilidade de suas



saídas dependia da movimentação de seu marido. Um dia ele se cansou da situação e deu fim ao relacionamento. Apesar de arrependido, ele não pudera telefonar de volta pedindo perdão, pois somente Fernanda tinha seu telefone. Após alguns dias, a garota decide confessar tudo. Fernanda sofria de distúrbios menstruais e subitamente começava a sangrar. Por isso marcava o encontro e desmarcava quando isso ocorria inesperadamente.

O conto “O estuprador”, que faz parte da obra *Secreções, excreções e desatinos*, também é narrado em primeira pessoa, por um homem perdidamente apaixonado por Julia, objeto de sua obsessão. Todo o foco da narrativa centra-se nos seios da moça, que são ardentemente desejados pelo protagonista.

Júlia mantinha a gola fechada e só me deixava beijar o seu pescoço, que era muito bonito. Eu gostava de ir à praia, mas ela detestava praia, piscina, e alguém poderia imaginar que Júlia tinha celulite ou pernas tortas, mas os shorts que usava demonstravam que esse não era o motivo [...] Quando tocava em seus seios, Júlia segurava com força a gola fechada da roupa que usava. Eu tinha a impressão de que ela não sentia prazer na minha carícia. (FONSECA, 2010, p. 41).

O protagonista idealiza a garota desejada como sua musa, comete desatinos por ela, se pune, bate sua cabeça contra a parede, pensa até mesmo em se matar se não tivessem uma relação sexual. Ela, porém, sempre impede seus avanços, até que o rapaz, não podendo mais suportar tal situação, decide possuir a moça sem o seu consentimento.

Júlia sempre ia à minha casa para vermos filmes, que depois comentávamos animadamente. Um dia, depois de assistirmos a um desses clássicos, eu a agarrei com força, subjuguiei-a, levei-a para a cama e a amarrei com as cordas. Quando abri a gola da sua blusa ela gritou, não, não, pelo amor de Deus, não faça isso. Júlia continuou gritando enquanto eu tirava a sua blusa. Quando ficou nua, com os seios à mostra, começou a chorar. Na altura da clavícula havia um pequeno tumor, purulento. Eu não queria que você visse isso, ela disse soluçando convulsivamente. (FONSECA, 2010, p. 42).

O pequeno tumor que Julia tinha, na altura da clavícula, era o motivo dela impedir que em outras vezes o namorado tirasse a sua blusa. Ao se deparar com



aquela situação, ele lambe e chupa aquele tumor enquanto a garota permanece imóvel por um tempo e depois vai embora sem nada dizer. Passados alguns dias, Julia entra em contato novamente dizendo estar feliz, pois a ferida havia sarado. Eles voltam a se encontrar, porém o interesse dele não é mais o mesmo. O comportamento e o sentimento do personagem passam por três estágios diferenciados entre si: o primeiro, de contemplação, é perceptível quando ele fica dias e noites imaginando o corpo da amada; depois, a agressividade, quando se utiliza da força para dominá-la; e por último, o sentimento de desinteresse, que se manifesta após ter conseguido o que almejava.

“Beijinhos no rosto” conta a história de um homem que, após a descoberta do câncer de bexiga, toma conhecimento da necessidade de remoção do órgão e, conseqüentemente, da utilização de uma bolsa colocada na parede abdominal para retirada da urina. O conto se inicia com a fala do médico, também seu amigo, afirmando detalhadamente como seria o procedimento.

A sua bexiga terá que ser removida inteiramente, disse Roberto. E nesses casos prepara-se um lugar para a urina ser armazenada, antes de ser excretada. Uma parte do seu intestino será convertida num pequeno saco, ligado aos ureteres. A urina desse receptáculo será direcionada para uma bolsa colocada em uma abertura na sua parede abdominal. Estou descrevendo esse procedimento em linguagem leiga para que você possa entender. Essa bolsa será oculta pelas suas roupas e terá que ser esvaziada periodicamente. Fui claro? (FONSECA, 2010, p. 121)

Desesperado, o protagonista sai do consultório a procura de um revólver para se matar. Lembra que seu irmão guardava um em casa e fora atrás para comprá-lo. Depois de muito esforço consegue fazer com que o irmão venda a arma. Ao voltar para casa, enquanto espera a namorada, fica pensando sobre como seria sua vida após a cirurgia, se questionando como poderia frequentar praias, fazer amor e ter uma vida “normal” utilizando aquela bolsa presa ao corpo. Na cama, com a namorada, só consegue pensar nas conseqüências que a cirurgia irá lhe trazer. Assim que ela sai, o protagonista atira em seu próprio peito, mas não consegue atingir o objetivo. Quando se recupera da tentativa de suicídio, Roberto, o médico, o





convence a fazer a cirurgia. O fim do conto mostra o protagonista conformado com a sua situação. Realizada a cirurgia, sem namorada, sem frequentar praias, agora é viciado em palavras cruzadas.

Os três contos em análise trazem excrementos que são considerados impuros no nosso sistema simbólico: sangue menstrual, pus e urina. Em “Encontros e desencontros”, Fernanda se retrai e desmarca os encontros com o namorado por sentir-se suja quando está menstruada. Em “O estuprador”, o nojo é evidenciado por meio do tumor purulento que Julia tem em seu corpo. Já em “Beijinhos no rosto”, o protagonista se sente desconfortável ao imaginar a situação de ter que carregar uma bolsa contendo sua urina o tempo todo. Nos três textos a ideia de nojo é trazida a partir de excrementos do próprio corpo humano.

Expurgar as impurezas, nos contos citados, pode ser interpretado como a expurgação dos elementos que fogem de um sistema padrão de beleza. Remover as gorduras do corpo, fazer o possível para tentar tornar-se mais jovem, abominar as secreções corporais são maneiras de remover o que não está adequado a norma do belo e do limpo.

Como afirma Le Breton (2005), assim que o discurso religioso perdeu seu espaço social no cuidado com as práticas corporais, o corpo também perde toda a sua significação espiritual. A obsessão pela saúde e a busca infinita pela limpeza e pureza se intensificaram cada vez mais, e com isso o corpo passou a tornar-se um meio e suporte das relações humanas. Nesse âmbito, novas “doenças” sociais centradas no contato corporal foram inventadas.

Mau hálito, odores corporais, dentes estragados e mãos ásperas são racionalizações de antigas aversões puritanas não efetivamente desaparecidas na era da ciência e do consumo, mas que ressurgem em forma de deslocamentos de um sistema fóbico. (LE BRETON, 2005, p. 101).

Fernanda sentia nojo dos odores da menstruação. A preocupação com o cheiro que poderia exalar a deixava extremamente transtornada, motivo pelo qual ela sempre utilizava perfumes muito fortes, a fim de evitar que o namorado sentisse



qualquer cheiro diferente vindo de seu corpo: “É uma coisa repugnante, é sangue, um sangue diferente, tem cheiro, cheiro ruim de menstruação” (FONSECA, 2010, p. 65).

Interessante notar ainda que a preocupação com os odores e excreções corporais são motivos que fazem com que o personagem se sinta inibido para a prática sexual. Nos três contos, eles se eximem do ato sexual devido ao nojo que o parceiro possa sentir durante a relação.

Assim, é possível entender a noção de nojo, nos contos, em dupla associação com ao ato sexual. Tanto Fernanda quanto Julia e o protagonista de “Beijinhos no rosto” sentem-se pouco à vontade com os odores e o sentimento de repulsa que poderão provocar em seu parceiro. Os contos “O estuprador” e “Encontros e desencontros” são finalizados com o consentimento para a efetivação do ato sexual mesmo com as preocupações corporais de cada personagem. O namorado de Julia, quando se depara com o tumor no corpo da namorada, afirma que “um homem apaixonado não tem nojos da mulher amada” (FONSECA, 2010, p. 82). O narrador continua a descrição da cena em que a personagem se curva, lambe e chupa “a pequena pústula, várias vezes”. Na realidade, as tramas são centradas em torno da relação sexual entre os personagens e das restrições e transgressões que a cercam. A relação amor e sexo presente nos contos se expressa na importância que o sexo configura no relacionamento. Entretanto, em “Encontros e desencontros” é possível perceber, por meio de falas do protagonista, que o relacionamento dele não se baseia somente no desejo sexual. Ele salienta a beleza de sua amada, a inocência e candura que dela afloram: “Eu a amava pela sua beleza, mas também pela sua inocência, que me encantava” / “Nossa segunda vez foi ainda melhor, e não falo apenas do gozo e do desafogo, mas da alegria que o amor nos proporcionou”. Quando ele se cansa da situação e liga para a namorada terminando tudo, logo em seguida sente vontade de ligar novamente pedindo perdão para dizer o quanto a amava. Os pensamentos e falas dos protagonistas permitem visualizar o que eles pensam dessa relação.



A personagem masculina de “O estuprador”, por outro lado, não expressa o amor que sente por Julia, mas sim a vontade de relacionar sexual e fisicamente. Em vez de dizer que a amava, ele dizia que era louco por ela: “o sujeito não pode, nos tempos que correm, ficar apenas afagando os seios da mulher amada”. (FONSECA, 2010, p. 64).

O final de cada conto revela, também, a maneira como os personagens lidam com o relacionamento amoroso e sexual. Em “Encontros e desencontros” fica implícito que Fernanda e seu amado vivem juntos como nos contos de fadas: “e vivemos juntos felizes para sempre”. O que fica demarcado no conto “O estuprador” é o interesse do protagonista apenas pela relação sexual. Antes de conseguir efetivar o ato, ele chega a pedir Julia em casamento, mas ela não aceita, alegando que não estaria preparada para tamanho compromisso. Um mês depois que se relacionam sexualmente, Julia repensa a proposta de casamento, mas quem desta vez não aceita é seu namorado: “dizia que se eu quisesse podíamos nos casar. Mas eu pedia para esperarmos um pouco”. A fala do personagem deixa explícito o verdadeiro interesse na relação que persistia justamente pela interdição colocada pela namorada.

Fernanda considera seus distúrbios como uma doença grave que necessitaria de medicação para ser curada, assim como Julia, que vivera usando muitos remédios em seu tumor para remediar o problema.

Nos contos, parece que as promessas da biotecnologia estão longe se cumprir, pois persiste a fragilidade e a precariedade do corpo humano, o qual está longe da perfeição. A repulsa pela enfermidade e a fragilidade do corpo, as doenças as quais ele está exposto, as diárias e contínuas secreções que fazem parte do funcionamento biológico permanecem incômodas. As narrativas de Rubem Fonseca parecem contradizer as previsões de Le Breton, de que estaríamos quase a atingir uma era pós-biológica. Le Breton afirma que estamos cada vez mais perto de uma total mecanização humana, de maneira que o corpo, que toma o tempo e a inteligência do homem para que possa ser alimentado, cuidado e higienizado, será gradativamente substituído por sistemas que chegarão cada vez mais perto da



ciborguização. Ainda para o autor, o corpo eletrônico do espaço cibernético atinge a perfeição, pois está livre da doença, da morte, da deficiência e dos transtornos que atingem a carnalidade humana, tais como as secreções.

No livro *Secreções excreções e desatinos*, como o próprio título sugere, a maioria dos contos traz alguma parte abjeta do corpo humano. O conto inaugural, por exemplo, revela um homem fascinado por estudar suas fezes, desde tamanho, cor, peso e ainda como elas revelam o futuro das pessoas, chamando esse estudo de copromancia.

O espaço da maioria dos contos é genérico, indefinido. O que importa, para Fonseca, é salientar o acontecimento em si e as relações travadas entre os sujeitos em um conflito ora com o outro, ora consigo mesmo. Apesar de serem escritas rápidas e curtas, não deixam de ser recheadas com um emaranhado de situações e, principalmente, com a relação do protagonista com o outro. O único conto da obra que não descreve categoricamente uma relação dialógica é o conto “O disfarce e a euforia”. Isso porque o conflito presente na trama é instaurado com o próprio protagonista, cujo interesse reside na descoberta que ele faz de si mesmo. Tomando o fato de que o uso e o controle do seu corpo se dá em um complexo social que regulamenta a sociedade de controle, as atitudes dele são direcionadas, inconscientemente, a partir de ideais pré-estabelecidos socialmente e protagonizados como sinônimo de autoafirmação identitária. “O disfarce e a euforia” é uma narrativa que aborda a busca pela significação na ocultação do envelhecimento do corpo; e ao mesmo tempo, o prazer que se funda na ilusão de viver sob uma máscara. Na busca pela significação da vida que se esvai com o tempo sem que nada possa ser feito, o desespero e o sofrimento são fatores primordiais que levam o protagonista a uma busca desesperada em manter-se vivo.

Em três páginas o narrador observa de longe, e de maneira fria conta o drama de um homem procurando de todas as formas possíveis vencer o processo natural do envelhecimento. Nesta ânsia pela juventude, Z, a personagem, se submete a todos os tipos de tratamentos existentes, desde limpezas de pele, exercícios e massagens, até intervenções cirúrgicas estéticas. Fica claro que sua





intenção vai além de sentir-se bem consigo mesmo ou melhorar a autoestima, pois o personagem deseja se autoafirmar perante o olhar do outro. É uma busca pela imagem padrão que é imposta aos indivíduos, uma tentativa de moldar-se, adequar-se para ser aceito, para fazer parte de um conjunto valorizado na sociedade. O reverso dessa busca frenética pelo corpo limpo, livre das peles excessivas e das marcas do tempo é revelado na contraposição entre dois planos vivenciados pelo protagonista: ideal x real. Com a adesão dos tratamentos “artificiais” de rejuvenescimento, preservação ou transformação do corpo a fim de satisfazer as expectativas sociais, a personagem acaba entrando em um jogo no qual busca-se de alguma forma “fingir” que o corpo que é ali exibido é totalmente natural. Esse é o anseio do personagem Z: a criação de uma imagem do corpo, através de sua transformação, que atenda às exigências impostas pela sociedade e ao mesmo tempo camuflem essa artificialidade, criando uma espécie de ilusão, na qual é possível envelhecer sem que o corpo paulatinamente demonstre os sinais próprios da velhice. Como se o corpo fosse mesmo uma máquina, cujas peças podem ser trocadas ou retificadas, mantendo-o sempre em “forma”.

Outro recurso utilizado por Fonseca em seus textos é a inexistência de um espaço específico, assim como a não identificação dos protagonistas, o que permite uma identificação mais ampla com o fato narrado; não somente e especificamente a identificação que o leitor realiza consigo mesmo, mas principalmente na possibilidade de transposição dos conflitos para qualquer outra situação familiar.

## Considerações finais

Os três contos analisados englobam uma temática com enfoque nas práticas corporais em que a abjeção de uma carnalidade imperfeita e incômoda se torna alvo do biopoder por ser o corpo a própria condição de existência do homem. As narrativas permitem uma leitura que submerge na dinâmica instaurada nos corpos moldados por uma ideia de pureza. No contexto recente, povoado pela



cibernética, pela robótica, pela biologia molecular, pela medicina, num mundo composto por próteses que compõe o indivíduo, não seria surpresa que o campo estético e ficcional também incorporasse essa dinâmica. Rubem Fonseca é magistral ao dialogar com os diferentes discursos e práticas que tematizam o corpo do ponto de vista da estética corporal, das intervenções da biotecnologia e do biopoder.

Nas narrativas, é precisamente a condição carnal, orgânica, material e incontrolável do corpo humano que se torna visível e é também o alvo de rejeição nas sociedades ocidentais dos inícios do século XXI. O simples fato de ser um corpo vivo, orgânico e material é motivo para ser conduzido e propenso ao abjeto e à rejeição devido ao seu condicionamento degenerativo.

É importante considerar que a literatura, de um modo geral, é um espaço de reflexão. Ao mesmo tempo em que ela se aproxima do mundo real, também possibilita certo distanciamento. Esse distanciamento, na verdade, é um espaço que nos permite enxergar a realidade sob outra óptica que não seja somente aquela a que estamos acostumados. Trata-se de um fenômeno que tem a capacidade de fazer refletir acerca dos conflitos sociais e psicológicos que acompanham os sujeitos históricos que somos. E é devido a essa condição histórico-social que abrange a cena literária que podemos perceber, nas análises, de que modo essas práticas de controle dos corpos atuam na sociedade, e, ainda, o imbricamento entre os campos político e estético.

Assim, as tentativas empreendidas pelo campo literário de tematizar o corpo pós-moderno e os agenciamentos da corporeidade enquanto resultado da maquinaria do biopoder são formas de se buscar compreender não só o homem e seu mundo circundante, mas também o texto literário como fenômeno social.

## Referências

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 3 ed. São Paulo: Editora Nacional, 2006.



DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FONSECA, R. **Secreções, excreções e desatinos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

\_\_\_\_\_. **Axilas e outras histórias Indecorosas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. 34. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 1. ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LE BRETON, D. A síndrome de Frankenstein. In: SANT' ANNA. Denise Bernuzzi de. (Org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. Trad.: Mariluce Moura. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 49-67.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SIBILA, P. **O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo**. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 25, p. 68-84, dez. 2004.